

RELATO DE EXPERIÊNCIA/PRÁTICA PROFISSIONAL

OFICINA DE CRIATIVIDADE: REVENDO O PROCESSO DE ENSINAR, APRENDER E ATUAR EM PSICOLOGIA

Maria Helena Carvalho de Oliveira

*Mestranda em Psicologia Clínica – PUC/SP. Professora Supervisora de Psicologia Clínica -
Universidade Paulista/SP.*

Resumo

A Oficina de Criatividade, disciplina de estágio clínico supervisionado, oferecida no curso de psicologia da Universidade Paulista, tem se mostrado campo fértil para os estagiários, não somente no processo de formação profissional, mas também pessoal e de abertura para novos campos de atuação no trabalho com grupos. Como disciplina, oferece ao futuro psicólogo um lugar de autoexperimentação, que propicia o seu próprio desenvolvimento simultaneamente ao seu preparo profissional, por meio de propostas temáticas que envolvem o uso de recursos expressivos como facilitadores do processo. A experiência de supervisão desta disciplina, da atuação em campo e de relatos de alunos e de instituições beneficiadas com este atendimento revela um modo de pensar a aprendizagem como um lugar de descoberta de potências, a partir de um fazer psicológico diferenciado, que parte da experiência para a teoria, visando sensibilizar, flexibilizar e transformar pessoas em sujeitos criadores, críticos e condutores de sua própria história.

Palavras-chave: supervisão, formação, psicologia.

CREATIVITY WORKSHOP: REVIEWING THE PROCESS OF TEACHING, LEARNING AND ACTING IN PSYCHOLOGY

Abstract

The Creativity Workshop, a supervised clinical internship discipline offered in the psychology course at University Paulista, has proved to be a fertile ground for interns, not only in the process of professional training, but also at the personal level and through the opening of new fields of activity in the work with groups. As a discipline, it offers future psychologists a place for self-experimentation, providing their development alongside professional preparation through thematic proposals that involve the use of expressive resources as facilitators of the process. The supervisory experience in this discipline of the field activities and the reports of students and institutions that benefit from these services reveals a way of seeing learning as a place for the discovery of powers, based on a different psychological activity, which goes from experience to theory, aiming to raise awareness and flexibility and to turn people into creative, critical individuals who are able to guide their own history.

Keywords: supervision, training, psychology.

TALLER DE CREATIVIDAD: REVIENDO EL PROCESO DE ENSEÑAR, APRENDER Y ACTUAR EN PSICOLOGÍA

Resumen

El Taller de Creatividad, disciplina de pasantía clínica supervisada, ofrecida en el curso de psicología de la Universidad Paulista, se ha mostrado como un campo fértil para los pasantes, no solamente en el proceso de formación profesional, sino también personal y de apertura para nuevos campos de actuación en el trabajo con grupos. Como disciplina, le ofrece al futuro psicólogo un lugar de auto experimentación, que propicia su propio desarrollo simultáneamente al de su preparación profesional, por medio de propuestas temáticas que involucran el uso de recursos expresivos como facilitadores del proceso. La experiencia de supervisión de esta disciplina, de la actuación en campo y de relatos de alumnos y de instituciones beneficiadas con esta atención revela un modo de pensar el aprendizaje como un lugar de descubrimiento de potencias, a partir de un hacer psicológico diferenciado, que parte de la experiencia para la teoría, buscando sensibilizar, flexibilizar y transformar personas en sujetos creadores, críticos y conductores de su propia historia.

Palabras clave: supervisión, formación, psicología.

INTRODUÇÃO

“A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca (...). A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça”. (Bondía, 2002, p. 21)

A oferta para formação de psicólogos tem aumentado a cada dia, sobretudo em universidades privadas, o que significa que estamos formando um grande número de profissionais, o que é bom e necessário neste país de muitas necessidades. Mas, tão ou mais importante que dispormos de um bom número de profissionais atuantes é a qualidade do aprendizado destes estudantes que se percebem diante do desafio de enfrentar um mercado de trabalho exigente e que demanda grande responsabilidade.

No período de formação, o estudante vê-se constantemente em confronto com o excesso de informação e a necessidade de práticas que ofereçam a possibilidade de deslocamentos, trânsitos e explorações de espaços onde o próprio experimento pessoal possa ser deflagrador de um aprendizado mais significativo e potente.

Este breve relato apresenta algumas reflexões sobre uma experiência de trabalho com a formação de estudantes de quinto ano de psicologia da disciplina Oficina de Criatividade, ministrada no Centro de Psicologia Clínica da

Universidade Paulista, São Paulo. Esta prática psicológica, que acontece prioritariamente em grupo,

tem como um dos objetivos romper com os enquadres das psicologias mais tradicionais, imprimindo movimentos de transformação não somente ao aluno em sua formação, mas também em ambientes ou contextos externos, na fase de estágio, onde o acesso da população aos serviços psicológicos não só é escasso, mas quando acontece é baseado em práticas destinadas a classificar e determinar patologias, com uma função de controle e exclusão. (Cupertino, 2008, p. 2)

Como ferramentas desta prática, tanto para a formação como para a atuação dos estudantes em estágios, são oferecidos recursos expressivos variados, que visam trabalhar temas diversos, sempre de acordo com a demanda do grupo, visando ampliar a sensibilidade em detrimento da racionalidade e, com isto, promover a "transformação das relações e uma ampliação dos horizontes existenciais de cada um, pela troca de experiências e vivência compartilhada da multiplicidade de formas de existir". (Cupertino, 2008, p. 2)

Oferecer essa oportunidade ao estudante de psicologia pode parecer um assunto óbvio, uma vez que é esperado que este tenha, ainda em sua formação e, mais ainda, ao se formar, a condição de saber o que é bom e melhor para o outro e, portanto, para si mesmo. Mas, na realidade, a experiência oferece dados que desmontam essa 'teoria', uma vez que muitos alunos chegam ao final da sua formação sem nunca terem passado por qualquer processo terapêutico. Ou seja, chegam a um lugar onde a informação ganhou espaço em tal medida que não deu lugar à experimentação, como se o conhecimento advindo das teorias fosse suficiente para dar conta das demandas pessoais e sociais às quais estarão sujeitos estes futuros profissionais, ou ainda, como se "a dimensão principal da existência humana fosse a dimensão do conhecimento lógico, do uso da racionalidade" (Severino, 2009).

Nesses possíveis vácuos deixados na formação, entre a informação e a experiência, em função do excesso de teorização, parece que todo o aprendizado só ganhará sentido no momento final, quando a experiência prática puder acessar o 'para além da teoria'. Neste sentido, o conceito de Bondía (2002, p. 20) sobre o "pensar a educação a partir do par experiência/sentido" bem exemplifica a forma como é concebida esta aprendizagem, que oferece, não somente a esses futuros profissionais, mas também a todos aqueles que sofrerem suas intervenções ao longo de suas carreiras, a oportunidade de serem sujeitos reflexivos e comprometidos com os seus valores.

Nesta proposta, a experiência acontece antes da informação, promovendo determinados fenômenos e afetações, que irão servir ao sujeito como ferramentas, motivações e disparadores para a compreensão de que toda vida, por si só, merece e precisa reconhecer-se capaz de autonomia, mobilidade, reflexão, crítica e possibilidade de transformação.

MÉTODO

No primeiro semestre, as experiências vivenciais em Oficina de Criatividade são oferecidas aos alunos e no segundo a instituições diversas como abrigos, lar de idosos, CAPS, entre outras, conduzidas pelos estudantes e supervisionadas semanalmente na Universidade. O 'lugar' deste trabalho é o da escuta diferenciada, favorecida e facilitada pelo uso de recursos expressivos como poesia, dança, teatro, pintura, colagem, modelagem, entre outras técnicas e procedimentos que se desdobram em outros a cada encontro, sendo que o que se privilegia no trabalho não é, necessariamente, a 'obra' revelada no final, mas também todo o seu processo, que implica em alegrias e dores advindas desse fazer.

Para a utilização desses recursos são lançados temas variados, de acordo com cada grupo e sua demanda. Para exemplificar, um assunto bastante utilizado é o 'sonho', que abre possibilidade para várias maneiras de se trabalhar. Um grande diferencial é que o tema é dado de forma bastante ampla, podendo ser feito por meio de uma pergunta, como 'qual é o seu sonho?' ou apenas se oferecendo a palavra 'sonho', para que daí ela se desdobre. O entendimento e o limite sobre 'o que' fazer com isso é que dará destino ao que a pessoa irá criar a partir de então, que poderá ser sobre um sonho a ser realizado, um sonho que se tem quando se dorme ou até um pesadelo persecutório.

Fato é que, de início, todos estranham esse modo 'solto' de oferecer a experiência, pois o que se tem, em geral, na educação, são os formatos prontos, fechados, certos, alinhados, caros e desconfortáveis. Mas, aos poucos, diante do convite para tal experimentação, o sujeito interrompe gestos automatizados, herméticos e inflexíveis e abre espaço para novas sensações não percebidas, como o olhar e o escutar a si mesmo e o outro, sem o peso de qualquer interpretação ou julgamento. E esse parar para refletir sobre a possibilidade de se reconhecer e de se apropriar de suas potencialidades resulta aos poucos na

gestão de suas sementes férteis, como pessoas e também como futuros profissionais.

Ao se deparar com o silêncio de perguntas que não têm respostas prontas e também com uma mobilização que segue um fluxo de dentro para fora e não de fora para dentro, o sujeito é convidado a entrar em contato consigo mesmo, com suas lembranças, seu passado, seu presente e seus sonhos de futuro, e reparti-las com o grupo através de uma produção que realizou. Se os materiais e o convite foram para que se fizesse uma pintura, por exemplo, após esse 'fazer' da pintura, o participante, passada a fase inicial do 'não sei desenhar' e do 'o que eu faço com isso?', se vê diante daquilo que é seu e muitas vezes se surpreende com o fato de pensar ou produzir algo que nem imaginava ser capaz, o que possibilita uma revisão de sua estrutura psíquica e uma reorganização de seu modo de ser no mundo.

RESULTADOS

No ambiente educacional de formação do psicólogo, a Oficina de Criatividade revela por meio de relatos dos próprios estudantes, após passarem pela experiência, que tais práticas deveriam ser obrigatórias em sua formação. Primeiramente, por terem sido transformadoras em suas próprias vidas e, em seguida, por verificarem durante o estágio diferentes processos que movimentaram pessoas, grupos e instituições, deixando nestes espaços um ambiente muito diferente daquele ao qual se confrontaram em suas chegadas no início do trabalho.

A importância de uma prática psicológica que utiliza recursos expressivos mostra ao aluno que não existe apenas uma, mas várias psicologias, e que é possível uma atuação ampla, que pode ser levada até a população, pois não privilegia público, temática, idade, classe social ou recursos institucionais. Ao contrário, apresenta-se e insere-se como lugar de criação e de revelação de potências, tanto para o profissional atuante, como para aqueles que se beneficiam do serviço e não têm acesso ao atendimento psicológico tradicional.

Não raro, coordenadores de instituições que acompanham a população beneficiada por este atendimento procuram os alunos para tentar entender melhor que tipo de trabalho se faz ali e poder replicá-lo quando os estudantes finalizarem o estágio. E também não são raras as devolutivas dadas pela própria população atendida, seja por meio de um bilhete carinhoso no encontro final,

um presente ou até mesmo um compartilhar do grupo, já com uma voz própria e bastante transformado. Assim como a demanda parte das pessoas assistidas por meio desta prática, são elas que descobrem os seus próprios valores e que também nos devolvem o valor deste trabalho. Trabalho este que cabe bem num Brasil de tantas necessidades e ainda escassos recursos para o cuidado humano.

DISCUSSÃO

Uma discussão proposta no âmbito da experiência educacional não pode se dar se não também no pensar a atuação como um processo que necessita de constantes revisões e, se possível, em conjunto com outros profissionais implicados no desenvolvimento dos potenciais humanos, que também necessitam ampliar e sensibilizar sua escuta e se flexibilizar diante de suas demandas. Refletir sobre uma proposta de educação libertária necessita implicação pessoal do Mestre que, para Nietzsche, é aquele que privilegia um ambiente de fecundação, de onde é possível o resgate de forças profundas do homem, que em sua concepção é dotado de poder e de diferentes formas de sensibilidade. Um homem que necessita espaço e oportunidade para expandir seus sentimentos vitais para deixar aflorar seu ser criativo e ganhar autonomia e força para defender a sua condição de criador da história e de condutor de sua própria existência. (Severino, 2009)

Diante deste olhar mais que centenário de Nietzsche sobre a educação, valem algumas perguntas para os tempos atuais: Cabe ao professor/mestre, seja ele de qual disciplina for, abrir espaço em sua grade para desdobrar suas leituras/teorias e transformá-las em experiência? Quanto vale a experiência de uma vida? Quanto mais ela valeria se pudesse ser compartilhada?

REFERÊNCIAS

- Bondía, J. L. (2002). Notas sobre a experiência e o saber da experiência (J. W. Geraldi, Trad.). *Revista Brasileira de Educação*, 19, 20-28, janeiro a abril. Campinas/SP. (Obra original publicada em 2001)
- Cupertino, C. M. B. (2008). Atuação em campo com Oficinas de Criatividade: que Psicologia se faz? *Anais do 8º Simpósio Nacional de Práticas Psicológicas em Instituições*. 12 p. São Paulo: SP, Brasil. USP. Recuperado em 20 de dezembro de 2011 de http://www.christinacupertino.com.br/publicacoes_exibe.asp?id=31.

Severino, A. J. (2009) *Nietzsche*. [Vídeo-Documentário]. Disco 3. Áudio: Português. Duração: 23 min. (Coleção: Filósofos e a Educação). Brasil.

Contato: lenapalavra@terra.com.br

Recebido em: 10/01/2012

Revisado em: 15/03/2012

Aceito em: 18/06/2012